

PM libera acesso a prédios da USP

Universidade obteve liminar na Justiça para retirar do local servidores em greve; categoria mantém paralisação

Simone Iwasso

Policiais militares liberaram na manhã de ontem a entrada da reitoria da Universidade de São Paulo (USP) e de outros sete prédios da Cidade Universitária que estavam bloqueados desde terça-feira da semana passada por funcionários em greve. A movimentação ocorreu de forma pacífica, mas gerou protestos de grupos de estudantes e professores, que repudiaram a presença policial no câmpus, lembrando confrontos ocorridos na USP na época do regime militar.

A ação policial ocorreu logo pela manhã, por volta das 8 horas. Também foram liberadas as entradas do prédio da antiga reitoria, da coordenadoria do câmpus, da coordenadoria de assistência social, do centro de práticas esportivas, do Museu de Arte Contemporânea, do Museu de Arqueologia e Etnologia e da creche oeste, todos bloquea-

dos por piquetes de servidores. Por volta das 18h, os policiais deixaram o câmpus.

Segundo nota divulgada pela reitoria, a instituição obteve na última quarta-feira na Justiça a reintegração de posse dos prédios, que foi cumprida ontem. "A reitoria reconhece o direito de reivindicação de seus servidores, mas não pode se omitir diante de ações violentas e tumultuosas e tem a responsabilidade de assegurar o pleno funcionamento da universidade", afirma a nota. A reitora Suely Vilela, que desde o início da greve não quis se pronunciar sobre o caso, estava trabalhando em outro edifício do câmpus. O sindicato dos funcionários (Sintusp) chegou a divulgar que a reitoria, nos últimos dias, estaria na Espanha, fato negado pela assessoria de imprensa.

Após a liberação das entradas, os funcionários permaneceram em frente à reitoria e aprovaram, em assembleia, a conti-



LIBERAÇÃO – Policiais militares garantem acesso à reitoria da USP sob protestos de funcionários e alunos

nuação da greve, que já dura 27 dias. O Diretório Central dos Estudantes convocou os alunos no período da tarde e da noite a saírem das aulas e se juntarem aos manifestantes. Alguns profes-

sores, também em protesto, deram aula nas calçadas, como no caso da Faculdade de Educação. Faixas e cartazes contra a presença da PM foram espalhados pelas unidades. "Não pode-

mos admitir a presença de policiais, estamos voltando ao tempo da ditadura", afirmou Magno de Carvalho, presidente do Sintusp. Segundo ele, a greve vai continuar até que o conse-

lho de reitores (Cruesp) das três universidades estaduais paulistas – USP, Unesp e Unicamp – reabra as negociações. O Sintusp afirma que cerca de 75% dos funcionários estão parados. Para a reitoria, são 10%. O diálogo entre o Fórum das Seis, entidade que reúne representantes sindicais das instituições, e o Cruesp foi suspenso na segunda-feira passada após cerca de 30 estudantes terem invadido o prédio da reitoria e mantido os reitores lá dentro por cerca de quatro horas. Em nota, o Fórum das Seis repudiou a ação, que "representa ato autoritário e intolerável, que atenta contra a democracia, contra a autonomia dos movimentos sociais e da própria universidade e contra o direito de manifestação de trabalhadores e estudantes". Entre as reivindicações está o reajuste salarial de 16%. ●

• **Mais informações** sobre a greve na pág. A14



Professora Lisete Arelano dá aula a alunos de pós-graduação da Faculdade de Educação em frente ao cordão de isolamento da PM

Polícia ocupa a USP para impedir piquetes

Cerca de 150 PMs isolaram prédios da Cidade Universitária, em SP, que eram bloqueados por grevistas

TALITA BEDINELLI
DA REPORTAGEM LOCAL

A Polícia Militar ocupou ontem, com 150 homens, sete pontos da Cidade Universitária da USP (zona oeste de São Paulo) e permaneceu no local durante 14 horas para impedir que funcionários em greve há quase um mês bloqueassem a entrada das unidades, incluindo o prédio da reitoria.

Os grevistas estavam impedindo a entrada de funcionários que não aderiram à paralisação desde a última quarta-feira. Para suspender os bloqueios, a reitora Suely Vilela obteve um mandado de reintegração de posse na Justiça, cumprido ontem pela PM.

Os policiais, com cassetetes e armas com balas de borracha, montaram cordões de isolamento em frente aos prédios. A maior parte se concentrou no acesso principal da reitoria.

Os grevistas, em resposta à ação policial, desfilarão com cartazes em que pediam a saída da Polícia Militar do campus, mas não houve confrontos.

É a segunda vez, em duas semanas, que a PM é chamada na universidade para conter ações dos grevistas. No dia 25, a tropa de choque chegou aos portões do câmpus, mas não entrou.

Na ocasião, um grupo de estudantes havia invadido o prédio da reitoria. Os manifestantes quebraram vidros e deixaram R\$ 10 mil em prejuízos.

Ontem, a PM chegou por volta das 2h. Como os piquetes começariam às 6h, ainda não havia manifestantes nos prédios. Quando os grevistas chegaram, o clima foi de tensão.

Provocação

No início da tarde, cerca de 800 pessoas se concentravam no local, inclusive estudantes, que, em provocação, ofereceram coxinhas aos policiais.

Em resposta à entrada dos policiais no campus, sete professores transferiram as aulas para os gramados em frente à reitoria. "Foi uma ideia dos alunos em resposta à militarização do câmpus, que acho lamentável", disse o professor de sociologia Leonardo Mello e Silva.

O ato foi chamado de um "protesto pedagógico" pela professora Lisete Arelano, da Faculdade de Educação.

A polícia militar deixou, aos poucos, a universidade. Às 16h30 já não havia mais PMs.

O comandante da operação, Cláudio Miguel Longo, afirmou que, se os bloqueios voltarem, a polícia retornará. Funcionários afirmam, porém, que devem retomar os piquetes hoje.

Na tarde de ontem, os funcionários decidiram manter a greve, iniciada em 5 de maio. Hoje, docentes decidem se também vão parar. As duas categorias pedem 16% de reajuste, mais a incorporação de R\$ 200 aos salários. A reitoria ofereceu 6,05%.